

## A TEORIA DA DEPENDÊNCIA SOB A ÓTICA DE GALEANO\*

### LA TEORÍA DE LA DEPENDENCIA DESDE EL MIRADOR DE GALEANO

### THE THEORY OF DEPENDENCE FROM THE GALEANO VIEWPOINT

DOI: <http://doi.org/10.9771/gmed.v14i1.47305>

Claudio Katz<sup>1</sup>

[Tradução: Rodrigo Castelo<sup>2</sup>]

**Resumo:** O livro *As veias abertas da América Latina*, de Eduardo Galeano, resume e populariza com uma extraordinária beleza literária as principais teses da Teoria Marxista da Dependência. Está em sintonia com essa vertente na crítica ao capitalismo e no peso que atribui às rebeliões populares. O livro antecipou denúncias atuais do extrativismo e reprimarização e sublinhou a regressão industrial geradas pelas políticas liberais. A degradação do trabalho, a escala do endividamento e a gravidade da crise confirmam os diagnósticos expostos no texto. O imperialismo e a direita continuam molestando a região e a resistência popular recria as tradições políticas descritas por Galeano. O seu livro é um símbolo de esperança preservada por muitos latino-americanos.

**Palavras-chave:** Eduardo Galeano. América Latina. Teoria marxista da dependência. Imperialismo. Rebeliões populares.

**Resumen:** El libro *Las venas abiertas de la América Latina*, de Eduardo Galeano, resume y populariza con una extraordinaria belleza literaria las principales tesis de la Teoría Marxista de la Dependencia. Sintoniza con esa vertiente en la crítica al capitalismo y en la gravitación que asigna a las rebeliones populares. El libro anticipó denuncias actuales del extractivismo y la primarización y subrayó la regresión industrial que generan las políticas liberales. La degradación del trabajo, la escala del endeudamiento y la gravedad de la crisis confirman los diagnósticos expuestos en el texto. El imperialismo y la derecha continúan acosando a la región y la resistencia popular recria las tradiciones políticas descritas por Galeano. Su libro es un símbolo de la esperanza que preservan muchos latinoamericanos.

**Palabras clave:** Eduardo Galeano. América Latina. Teoría marxista de la dependencia. Imperialismo. Rebeliones populares.

**Abstract:** The book *The open veins of Latin America* by Eduardo Galeano summarizes and popularizes with extraordinary literary beauty the main theses of the Marxist Theory of Dependency. He tunes in with this aspect in his criticism of capitalism and in the gravitation that he assigns to popular rebellions. The book anticipated current denunciations of extractivism and primarization and highlighted the industrial regression generated by liberal policies. The degradation of work, the scale of indebtedness and the

severity of the crisis confirm the diagnoses presented in the text. Imperialism and the right wing continue to harass the region and popular resistance recreates the political traditions described by Galeano. His book is a symbol of the hope that many latin americans preserve.

**Keywords:** Eduardo Galeano. Latin America. Marxist theory of dependence. Imperialism. Popular rebellions.

*As veias abertas da América Latina* começa com uma frase que resume a essência da Teoria da dependência: “Há dois lados na divisão internacional do trabalho: um no qual alguns especializam-se em ganhar, e outro no qual se especializam em perder. Nossa comarca do mundo, que hoje chamamos América Latina, foi precoce: especializou-se em perder desde os tempos remotos...”. (GALEANO, 1971, p.13, tradução livre) Esta breve oração oferece uma imagem concentrada e altamente ilustrativa da dinâmica da dependência. Por essa razão, tem sido citada em inúmeras oportunidades para retratar o *status* histórico da nossa região.

O livro de Galeano é um texto chave do pensamento social latino-americano, que convergiu com a gestação da Teoria da dependência e contribuiu para popularizar essa teoria. A primeira edição daquele trabalho coincidiu com o auge geral do enfoque dependentista. Mas, em todas as suas páginas, exibiu uma especial afinidade com a vertente marxista dessa teoria desenvolvida por Ruy Mauro Marini, Theotônio dos Santos e Vânia Bambirra. Essa perspectiva postulou que o subdesenvolvimento latino-americano se deve à perda de recursos gerada pela inserção internacional subordinada da região.

Galeano difundiu precocemente esse enfoque no Uruguai e seu livro percorre a história latino-americana a partir da chave dependentista. Ilustra de forma bem acabada como “o modo de produção e a estrutura de classes têm sido sucessivamente determinados de fora, mediante uma cadeia infinita de dependências sucessiva... que nos levaram a perder inclusive o direito de nos chamarmos americanos”. Salienta que “como parte do vasto universo do capitalismo periférico”, a região “ficou submetida ao saque e aos mecanismos de expropriação.” (GALEANO, 1971, p.16 e 23, tradução livre)

Essa caracterização do desenvolvimento frustrado da América Latina conectava-se nos anos 1970 com uma ampla produção historiográfica de mesmo cunho. Esses estudos detalhavam os impedimentos impostos pela dependência à América Latina para a repetição da expansão alcançada pela economia estadunidense. Galeano retomou uma perspectiva muito semelhante a exposta pelas pesquisas de Agustín Cueva e Luis Vitale<sup>3</sup>.

O pensador uruguaio desenvolveu uma história sintética da região focada nos quatro componentes do marxismo latino-americano da época. Denunciou a expropriação dos recursos naturais, criticou a exploração da força de trabalho, destacou a resistência dos povos e falou a partir do projeto socialista de emancipação.

Galeano desenvolveu o seu texto combinando várias disciplinas e iluminou um relato que impacta por sua beleza literária. O seu calor emociona o leitor e gera um efeito explicitamente perseguido pelo livro.

O escritor uruguaio decidiu difundir um “manual de divulgação que fale de economia política com um estilo de romance.” (GALEANO, 1971, p.339, tradução livre) E conseguiu um sucesso arrebatador para esta iniciativa incrível. Galeano comentou que seguiu o caminho de “um autor não especializado”, que embarcou na aventura de desvelar os “fatos que a história oficial esconde”. (GALEANO, 1971, p.363, tradução livre) Perseguiu esse objetivo com uma linguagem que se distanciava das “frases feitas” e das “fórmulas declamatórias”. Conseguiu alcançar esse ambicioso propósito com um impactante modelo.

Galeano deixou para trás o emperdenimento, o academicismo e o discurso frio. Ele utilizou uma linguagem que abalou milhões de leitores e inaugurou um novo código para tornar visível a dramática realidade latino-americana. *As veias abertas* inspirou uma legião de escritores que adotaram, desenvolveram e enriqueceram esta forma de retratar a expropriação e opressão sofridas por nossa região.

### ***Afinidades conceituais e políticas***

Galeano se alinhou com a corrente radical da dependência liderada por Marini e Dos Santos, em franca contraposição à vertente eclética e descritiva encabeçada por Fernando Henrique Cardoso. A afinidade de *As veias abertas* com a primeira corrente verifica-se em todos os enunciados do livro.

Nesse trabalho, não se limitou a descobrir retrocessos econômicos resultantes de modelos políticos desajustados, nem observou a dependência como um traço ocasional ou meramente negativo. Tampouco encampou as associações com o capital estrangeiro que Cardoso defendia como solução ao atraso da região. Quando esse intelectual assumiu a presidência do Brasil desmentiu seus velhos textos, repudiou o seu passado e criticou seus próprios escritos. Mas a semente da sua evolução neoliberal estava presente na abordagem da dependência que defendeu polemizando com Marini e Dos Santos.

A visão de Galeano foi também distante a da Cepal. Em nenhuma parte do livro se esboçam ilusões heterodoxas na superação do subdesenvolvimento regional, mediante uma industrialização capitalista comandada pela burguesia nacional. O protecionismo e a regulação estatal não são analisados como os caminhos a percorrer, para erradicar as agruras econômicas da América Latina.

A oposição a este caminho se verifica também nas incontáveis críticas à impotência das classes dominantes locais para encaminhar alguma modalidade efetiva de desenvolvimento regional. Destaca essa incapacidade para comandar um crescimento industrial semelhante ao alcançado pelas poderosas economias centrais.

Esse questionamento era o eixo do programa político inaugurado pela revolução cubana e conceitualizado pela teoria marxista da dependência. Este enfoque propiciava um trânsito direto e sem interrupções para o socialismo, ultrapassando qualquer etapa intermediária de capitalismo nacional.

*As veias abertas* se inscreve nessa corrente de pensamento e compartilha o entusiasmo gerado pelo êxito inicial da revolução cubana. Em numerosos parágrafos irrompe o espírito de Che, a tônica romântica e a esperança no triunfo dos projetos radicais. Também enfatiza as raízes históricas das lutas populares em toda a região.

Galeano não esquece, em momento algum, a argamassa econômico-estrutural da dependência que marcam os estudos de Gunder Frank. Mas, diferentemente desses trabalhos, sublinha a força gravitacional das resistências populares. Não fala somente de estanho, mineração, latifúndio e monoculturas. Destaca o feito de Louverture no Haiti, a rebelião de Tupac Amaru no Peru e a ação de Hidalgo no México.

O livro resgata essas tradições de luta popular destacando como a história oficial dilui a visibilidade dessas resistências. Lembra que essa operação de ocultamento, frequentemente impulsiona o próprio oprimido a assumir como sua “uma memória fabricada pelo opressor”.

Galeano não somente detalha de que forma a América Latina se estruturou durante séculos a partir da exploração dos índios e a escravidão dos negros. Também ressalta que os sujeitos afetados por essa espoliação reagiram com revoluções e levantes. Essas sublevações abriram um horizonte alternativo de libertação.

*As veias abertas* relembra, ademais, o nexos dessas rebeliões com as questões pendentes da integração regional, legado do projeto inconcluso de Bolívar. Essa ênfase no papel insurgente dos povos ilustra a afinidade de Galeano com o projeto político revolucionário da Teoria da Dependência.

### **Primarização e extrativismo**

A sintonia de um livro, escrito há cinquenta anos, com uma concepção marxista em voga naquela época não é nenhuma surpresa. É mais problemático, todavia, desvelar a atualidade de ambas as visões. Em qual terreno se verifica a vigência de *As veias abertas* e do dependentismo?

Há muitos fragmentos do livro escrito em 1971 que parecem aludir a situações de 2021. Esses aspectos duráveis do texto (e da teoria que o inspirou) correspondem à condição dependente da América Latina e são corroborados sobretudo no extrativismo.

A especialização exportadora da região em produtos primários – que bloqueou o seu desenvolvimento no passado – continua obstruindo a decolagem da região. Essa barreira converge, ademais, com um inédito agravamento da deterioração do meio ambiente. A mineração a céu aberto concentra grande parte dessas calamidades e se converteu no epicentro de numerosos conflitos em todos os países.

Primarização e extrativismo são os dois termos utilizados atualmente para denunciar a obstrução ao crescimento produtivo e inclusivo, que Galeano destacava há cinco décadas. Em *As veias abertas* descreve-se como a submissão da região à determinação externa dos preços das *commodities* gera esse sufoco.

Mas essa vulnerabilidade já não é vista na atualidade como um simples efeito de processos inexoráveis de desvalorização das exportações primárias. Muitos economistas têm desvelado a dinâmica cíclica desses preços no mercado mundial e têm estudado o complexo processo de sucessivos encarecimentos e barateamentos das matérias-primas. O grande problema reside em que essas flutuações sempre obstruem o desenvolvimento por conta da condição dependente de toda a região.

América Latina nunca aproveita os momentos de valorização das exportações e invariavelmente padece nos períodos opostos de depreciação. Na conjuntura atual de preços altos, essas adversidades se verificam, por exemplo, no encarecimento dos alimentos. A exportação de trigo e carne se tornou uma desgraça para a aquisição cotidiana de pão e o consumo de proteínas.

Galeano descreveu uma desventura econômica resultante da gestão adversa da renda agrária, mineira e energética em toda a região. A força gravitacional dessa remuneração à propriedade dos recursos naturais acentuou-se nas últimas décadas. As grandes potências disputam – com a mesma intensidade que no passado – o desejado butim das riquezas latino-americanas. A região continua sofrendo o confisco sistemático desse excedente, em uma dinâmica que combina a erosão da renda com sua expropriação.

Atualmente os Estados Unidos disputam com a China (e em menor escala com a Europa) a apropriação dos recursos naturais da região. Os colossos mundiais já não estocam somente excedentes de grãos ou carne. Também capturam minerais estratégicos como o lítio e depredam, sem nenhum freio, a fauna marinha.

Diferentemente de outras economias não metropolitanas (como Austrália e Noruega) que aproveitam a renda para o seu desenvolvimento, a América Latina sofre a drenagem desse excedente. Não consegue transformá-la em investimento produtivo por conta da posição subordinada que ocupa na

divisão internacional do trabalho. Essa submissão explica também o comércio desfavorável com os grandes compradores das exportações da região.

A América Latina não negocia em bloco suas trocas com a China e os resultados das negociações bilaterais são invariavelmente adversos. As desventuras retratadas por Galeano há cinquenta anos voltam a se reciclar na atualidade.

### ***Recuos da indústria***

Em *As veias abertas*, descreve-se como os processos históricos de industrialização foram obstruídos na América Latina pelas políticas livre-cambistas. Esse “industrialicídio” aniquilou as manufaturas do interior da Argentina e destruiu o incipiente desenvolvimento do Paraguai, que buscava construir as bases de uma estrutura fabril independente. Posteriormente, as redes ferroviárias gestadas em torno dos terminais portuários afiançaram a asfixia industrial. A mão visível do Estado não interveio – como nos Estados Unidos – para assegurar o alvorecer de uma poderosa matriz fabril.

Essa asfixia industrial foi parcialmente modificada na segunda metade do século XX pelos processos de substituição de importações. Esse modelo iluminou o surgimento de estruturas industriais frágeis, mas ilustrativas da potencial expansão manufatureira. Galeano escreveu seu livro no ocaso desse esquema e, ao cabo de cinquenta anos, o panorama industrial é novamente desolador em grande parte da América Latina.

A atividade fabril retraiu-se na América do Sul e tende a especializar-se na América Central nos elos básicos da cadeia global de valor. Este cenário adverso é frequentemente descrito a partir de retratos de uma “desindustrialização precoce” da região, que se difere, por sua maior destrutividade, das deslocalizações existentes nas economias avançadas. Em todos os cantos da América Latina, aprofundou-se o distanciamento em relação à indústria asiática e muitos empreendimentos fabris desapareceram antes de alcançar a sua maturidade.

Nos países médios, essa deterioração afeta o modelo forjado para abastecer o mercado local. No Brasil, o aparato industrial perdeu sua dimensão dos anos 1980, a produtividade estagnou, o déficit externo expandiu-se e os custos aumentaram no compasso de uma crescente obsolescência da infraestrutura. Na Argentina, o declínio é muito maior.

Também o modelo das maquiladoras mexicanas enfrenta graves problemas. Continua montando peças das grandes fábricas estadunidenses, mas perdeu força frente aos competidores asiáticos. A renegociação do Tratado de livre-comércio com os Estados Unidos deu simplesmente lugar a outro acordo (T-MEC), que renova a adaptação das fábricas fronteiriças às necessidades das companhias do Norte.

A maior parte dos países da região continua negociando (e aprovando) acordos de livre-comércio que levam à erosão do tecido econômico local. Em todos os casos, se afiança a desproteção interna frente a incontrolável enxurrada de importações. Essa adversidade não freou as negociações do Mercosul para subscrever um acordo de livre-comércio com a União Europeia, nem tampouco as negociações de acordos unilaterais com a China.

A regressão industrial que afeta a região atualiza todos os desequilíbrios do ciclo dependente estudados pelos teóricos da dependência. Nos anos 70, ressaltavam a sistemática drenagem dos recursos que impactava o setor manufatureiro, através do deslocamento de lucros. O predomínio crescente dos capitais estrangeiros acentuou, nas últimas décadas, essa obstrução ao processo local de acumulação.

Mas, diferentemente dos anos 1970, o retrocesso atual da indústria latino-americana coexiste com o grande despertar dos seus concorrentes asiáticos. Basta observar o aumento do fosso que separa a Coreia do Sul do Brasil ou Argentina para notar a magnitude dessa mudança. Enquanto a América Latina era funcional ao velho modelo de mercados internos do capitalismo no pós-guerra, o Sudeste Asiático tende a otimizar o salto registrado na internacionalização da produção.

Muitos autores heterodoxos assumem que a divergência entre ambas as zonas diz respeito somente à implantação de políticas econômicas opostas. Estimam que os asiáticos optaram pelo caminho acertado que seus pares da América Latina descartaram. Mas, essa visão esquece todos os condicionamentos estruturais impostos pela maximização do lucro na divisão mundial do trabalho.

As teses dependentistas ressaltam esse condicionamento que o livro de Galeano também detalha. Lá, se explicam as adversidades históricas estruturais enfrentadas pela região.

### ***Expropriação e exploração***

*As veias abertas* denunciam os sofrimentos da população explorada em todos os rincões da América Latina. Não fala somente da escravidão e da servidão do passado. Descreve as condições inumanas de trabalho que imperavam há cinco décadas atrás. A atualidade dessas observações é particularmente impactante no dramático contexto atual de deterioração social.

O neoliberalismo não somente agravou o desemprego e a informalidade do trabalho. Afiançou, ademais, um terrível alargamento das desigualdades entre as faixas de renda na região mais desigual do planeta. Essa polarização explica a aterrorizante escalada de violência que impera nas grandes cidades. Das 50 cidades mais perigosas do planeta, 43 estão localizadas na América Latina.

A degradação social que afeta a região obedece, em grande medida, à renovada expulsão de camponeses que impulsionou a transformação capitalista do agro. Essa mutação potencializou a expansão descontrolada de uma massa de excluídos que migrava para as cidades e aumentava o exército de desocupados. A carência de trabalho nas grandes cidades e a baixíssima remuneração dos empregos existentes explicam o enorme aumento da informalidade. Neste quadro, massificou-se a narcoeconomia como refúgio de ganho da sobrevivência.

A especialização latino-americana em exportações básicas é complementada em algumas economias da América Central pelo crescimento desordenado do turismo. É a única atividade criadora de empregos em muitas localidades dessa região. Em todos os casos, a ausência de postos de trabalho multiplica a emigração e a conseguinte dependência familiar das remessas. Enormes contingentes de jovens desempregados são simultaneamente impedidos de estabelecer raízes e emigrar: não encontram emprego nas suas localidades de origem e são perseguidos ao entrar nos Estados Unidos.

As médias regionais de pobreza continuam penalizando na América Latina o segmento precarizado e afetam a uma enorme porção de trabalhadores estáveis. Esses dados não mudaram desde a aparição do livro de Galeano.

Também persiste a fragilidade da classe média, em uma região com reduzida presença desse estrato. Em comparação aos países avançados, os setores intermediários fornecem uma zona de conforto muito estreita ao abismo que separa ricos dos pobres. Esse segmento é majoritariamente integrado por pequenos comerciantes (ou autônomos) e não por profissionais ou técnicos qualificados.

Este cenário adverso se agravou de forma dramática durante a pandemia do último biênio. Em termos percentuais, a América Latina foi a região com mais contágios e mortos do planeta e sofreu também o maior impacto econômico-social da doença.

A queda do PIB na região foi o dobro das médias internacionais e essa deterioração aprofundou a desigualdade. 50% da população trabalhadora (que sobrevive na informalidade) foi severamente afetada pela retração econômica imposta pelo coronavírus. Esses setores tiveram que aumentar suas dívidas familiares para compensar a queda brutal de renda.

Também o abismo digital se acentuou em toda a região e impactou fortemente as crianças empobrecidas que perderam um ano de escolaridade. Essa deterioração da educação gera efeitos explosivos por seu imbricamento com a crescente precarização laboral. As grandes empresas aproveitam o novo cenário para reduzir custos laborais, com novas formas de teletrabalho que potencializam a exploração dos assalariados.

Nas últimas cinco décadas, os capitalistas recorreram a inúmeros mecanismos para *compensar sua fragilidade internacional com maior exploração da força de trabalho*. Por essa razão a distância salarial que separa a região das economias centrais se acentuou de forma muito significativa. A tendência mundial à segmentação do trabalho – entre um setor formal/estável e outro informal/precarizado – se apresenta na América Latina numa escala pavorosa.

Essa disparidade corrobora a vigência do diagnóstico dependentista e confirma a continuidade dos mesmos problemas que Galeano observou no mundo do trabalho. Cinquenta anos depois, todas as suas observações são repostas em outra escala.

### ***O velho pesadelo do endividamento***

Em *As veias abertas*, denunciou-se a triplicação da dívida externa entre 1969 e 1975 e o conseguinte reforço de um ciclo vicioso que sufoca a economia da região. Esse encadeamento obriga a América Latina a seguir uma cartilha de aumento das exportações, internacionalização industrial e auditoria dos banqueiros imposta pelo FMI. Galeano assinalava que essas exigências consolidam, por sua vez, a ação dos capitalistas estadunidenses, que controlam grande parte da região mediante o manejo das finanças.

Nos últimos cinquenta anos, esse pesadelo se manteve sem mudanças estruturais e acentuou os desequilíbrios fiscais e os déficits externos, que aumentam os passivos e geram novas crises.

Durante a era neoliberal, houve períodos de distintas intensidades dessa vassalagem financeira. Na década passada, o aumento do preço das matérias primas e a entrada de dólares permitiram certo alívio, mas quando o alívio comercial desapareceu, o endividamento ressurgiu com grande intensidade. Na atualidade, o FMI (e os fundos de investimento) intervêm novamente de forma destacada na administração de uma dívida incontrolável.

Nos momentos mais dramáticos da pandemia, o FMI lançou mensagens hipócritas de colaboração. Mas, de fato, se limitou a sancionar um irrisório alívio do passivo para um grupo minúsculo de nações ultraempobrecidas. Repetiu a atitude assumida frente à crise de 2008-09, quando combinou chamadas formais à regulação internacional das finanças com maiores exigências de ajuste para todos os devedores.

A tradição dependentista evitou a análise do endividamento na chave simplória da especulação financeira. Destaca que o crescente peso dos passivos expressa a fragilidade produtiva e comercial do

capitalismo dependente. A vulnerabilidade financeira da América Latina só complementa essas debilidades.

Há um sufoco com o pagamento dos juros, refinanciamentos compulsórios e inadimplências por conta do perfil subdesenvolvido das economias primarizadas, marcadas pela fraqueza da indústria e a elevada especialização em serviços básicos. O endividamento não dispara somente pelo “saque dos financistas”: reflete a crescente debilidade estrutural dos processos de acumulação.

A região não está isenta do processo de financeirização que caracteriza todas as classes dominantes do planeta. Mas a mutação central ocorrida na América Latina foi a transformação das velhas burguesias nacionais em novas burguesias locais.

O texto de Galeano ainda estava inscrito no primeiro período. Desde esse momento, perderam força os grupos capitalistas que privilegiavam a expansão da demanda a partir de produções orientadas ao mercado interno. Ganham peso os setores que priorizam a exportação e preferem a redução de custos à ampliação do consumo.

Este giro confirmou também todos os diagnósticos dependentistas sobre o entrelaçamento do grande capital latino-americano com seus pares no exterior. A localização de grandes fortunas locais nos paraísos fiscais e a associação estreita gestada pelas principais companhias da região com empresas transnacionais ilustram essa simbiose. O endividamento denunciado por Galeano apontou essa mutação das classes dominantes.

### ***Crises penosas***

O livro do escritor uruguaio comove pelo retrato dilacerante que apresenta da realidade cotidiana da América Latina. Esse cenário está condicionado pela sistemática irrupção das agoniantes crises impostas pelo capitalismo dependente. Estas convulsões derivam, por sua vez, do estrangulamento externo e da periódica perda interna do poder aquisitivo.

A era neoliberal que sucedeu o lançamento de *As veias abertas* foi marcada por crises econômicas mais frequentes e intensas, que precipitaram maiores recessões e provocaram gigantescas operações de socorro aos bancos. Essas turbulências foram invariavelmente desencadeadas pelos estrangulamentos do setor externo, que geram os desequilíbrios comerciais e a perda de recursos financeiros.

Como as economias latino-americanas ficam à mercê da oscilação de preço das matérias primas, nos períodos de valorização exportadora afluem as divisas, se apreciam as moedas e se expandem os gastos. Nas fases opostas, os capitais migram, o consumo decresce e as contas fiscais se deterioram. No pico dessa adversidade, irrompem as crises.

Essas flutuações, por sua vez, ampliam o endividamento. Nos momentos de valorização financeira, os capitais ingressam para lucrar com operações de alto rendimento e nos períodos inversos se generaliza a saída de capitais. Estas operações se consumam aumentando os passivos do setor público e privado.

Outro determinante das crises regionais são as periódicas perdas do poder aquisitivo. Essas reduções agravam a ausência estrutural de um padrão de consumo massivo. A debilidade do mercado interno e o baixo nível de renda da população explicam essa carência. A expansão da informalidade trabalhista, os baixos salários e a compressão da classe média acentuam a fragilidade do poder de compra.



As duas modalidades da crise – por desequilíbrio externo e por retração do consumo – se verificaram em todos os modelos das últimas décadas. Inicialmente, irromperam durante a substituição de importações (1935-1970) e reapareceram com maior virulência na “década perdida” de estagnação e inflação (anos 1980). Alcançaram uma maior intensidade no posterior debute do neoliberalismo, como consequência da desregulamentação financeira, a abertura comercial e a flexibilização trabalhista.

A teoria da dependência sempre estudou essas tensões a partir de critérios multicausais e sublinhou a ausência de um determinante único das crises. As convulsões pelas quais a região padece são desencadeadas por forças diversas, que combinam os desequilíbrios externos com as restrições do poder de compra.

Essa combinação de determinantes externos e internos teve um impacto demolidor nos últimos anos de pandemia. A América Latina sofreu a maior contração planetária de horas de trabalho, em consonância com retrocessos do mesmo porte dos rendimentos populares. Ao fim de um quinquênio de estagnação, a Covid acentuou uma descomunal deterioração da estrutura produtiva. E para completar, os indícios de recuperação são tênues e as previsões de crescimento são inferiores à média mundial. Em suma, a região vive um novo capítulo de *As veias abertas* no “Grande Confinamento” do último biênio.

### ***O cenário político***

A afinidade de *As veias abertas* com a Teoria da dependência não se limita ao âmbito estreito da economia. Na tradição expositiva desta teoria, o livro evita atormentar com meros números e estatísticas complicadas. Destaca com exemplos a incidência da dominação imperialista sobre o subdesenvolvimento regional. Denuncia especialmente os golpes de Estado, que sempre foram articulados pelas embaixadas estadunidenses para instalar governos favoráveis às grandes empresas do Norte.

Ao cabo de 50 anos, essa intromissão de Washington persiste de forma mais disfarçada, mas com o mesmo atrevimento do passado. Os Estados Unidos tentam recuperar atualmente sua hegemonia mundial fragilizada, reforçando seu controle na América Latina, a fim de conter a crescente força da China. A primeira potência está empenhada em utilizar o seu enorme poder geopolítico-militar para recuperar as posições econômicas perdidas. Por essa razão, a região é novamente tratada como um “quintal”, sujeito às normas de submissão estabelecidas pela Doutrina Monroe.

Os Estados Unidos buscam reduzir a margem de autonomia dos três países médios da região. Exige que o Brasil entregue a supervisão da Amazônia, que o México reforce a presença da DEA e que Argentina aceite os acordos do FMI. Como as invasões diretas (tipo Granada ou Panamá) já não são factíveis, o Pentágono reforça suas bases na Colômbia e patrocina inúmeras conspirações contra Venezuela.

Trump implementou essa cartilha com brutalidade e Biden está pronto para continua-lo com bons modos. Necessita recompor a dominação fragilizada do Norte e reduz os excessos verbais do seu antecessor para realinhar alianças com o *establishment* latino-americano. Mas, assim como Trump, Biden prioriza a diminuição da presença da China na região. Todas as iniciativas da Casa Branca desmentem a ingênua percepção “que aos Estados Unidos já não interessa a América Latina”. Recuperar a dominação plena do hemisfério é a grande prioridade de Washington.

Por essa razão, sustenta governos direitistas que atuam como herdeiros das ditaduras denunciadas por Galeano. Assim como os teóricos dependentistas, o pensador uruguaio indagava nos anos 70 o pilar coercitivo de todos os sistemas políticos latino-americanos. Retratava como as tiranias implementavam

distintos modelos de totalitarismo e destacava a primazia exercida pelas burocracias militares na gestão do Estado.

No período pós-ditatorial das décadas seguintes, esse esquema foi substituído por diversas modalidades de constitucionalismo, que combinaram políticas econômicas neoliberais com a aceitação forçada de conquistas democráticas.

Mas, ao cabo de várias décadas, os regimes direitistas tentam recuperar novamente o predomínio no compasso de uma restauração conservadora. Atuam por meio de sucessivos governos reacionários, novos estratagemas eleitorais e reiterados golpes institucionais. No último biênio da pandemia, houve militarização dos seus gestores e instauraram Estados de exceção com crescente protagonismo das Forças Armadas.

A direita regional opera atualmente de forma coordenada para estabelecer regimes autoritários. Não promove as tiranias militares explícitas dos anos 70, mas formas disfarçadas de ditadura civil. Entre seus expoentes persiste uma divisão visível entre personagens extremistas e moderados, mas todos unificam forças nos momentos decisivos.

Os direitistas implementam uma estratégia comum de proscrição dos principais dirigentes progressistas. Recorrem a mecanismos engenhosos para neutralizar opositores e instrumentalizam golpes parlamentares, judiciais e midiáticos. Desejam obter o controle brutal dos governos retratados pelo texto de Galeano. Recriaram, inclusive, os discursos primitivos da Guerra Fria e as campanhas delirantes contra o comunismo propagandeadas quando se publicou a primeira edição de *As veias abertas*.

Mas todas as figuras da direita regional enfrentam uma grande erosão política pelas suas responsabilidades nas desastrosas gestões do Estado. Devem lidar também com o grande ressurgimento da mobilização popular.

Em três bastiões do neoliberalismo (Colômbia, Peru e Chile), verificaram-se revoltas nas ruas com enorme participação e, em outros casos, os protestos permitiram a volta de governo progressista derrubado por um golpe militar (Bolívia). Em distintos rincões do hemisfério, desponta uma tendência convergente ao reinício das rebeliões, que convulsionaram a América Latina no princípio do milênio.

### ***Um símbolo de nossas lutas***

Em *As veias abertas*, há uma recorrente convocatória de construir uma sociedade não capitalista de igualdade, justiça e democracia. Essa mensagem está presente em várias passagens do texto. Galeano compartilha com os teóricos da dependência o objetivo de apontar um projeto socialista para a região.

Nos anos 60-70, se esperava avançar em direção àquele objetivo após vitoriosas revoluções populares. Essa expectativa foi corroborada pelas rebeliões anticoloniais, o protagonismo do Terceiro Mundo e os triunfos do Vietnã e de Cuba.

Posteriormente, predominou uma etapa inversa de expansão do neoliberalismo, desaparecimento do denominado “campo socialista” e reconfiguração da dominação global. Mas, na América Latina, ressurgiram as esperanças com as rebeliões que marcaram o início do novo século, facilitando o despertar do ciclo progressista e o aparecimento de vários governos radicais. O contexto atual está marcado por uma disputa não resolvida e pela persistente confrontação entre despossuídos e privilegiados.

Esse choque inclui revoltas populares e reações dos opressores. Em um polo, aflora a esperança coletiva e, no outro, o conservadorismo das elites. As vitórias significativas coexistem com preocupantes

retrocessos, em um contexto assinalado pela indefinição dos resultados. Está pendente o resultado da batalha que opõem os anseios dos povos com os privilégios das minorias.

*As veias abertas* é um texto representativo dessa luta e, por essa razão, é periodicamente redescoberto pela juventude latino-americana. O mesmo ocorre com a Teoria Marxista da Dependência. Esse instrumento teórico ganha novamente audiência pela explicação dada para entender a dinâmica contemporânea da região. Suscita o interesse de todos os engajados em mudar a realidade agonizante da região.

O livro de Galeano e o dependentismo compartilham a mesma receptividade entre as novas gerações que recuperam os ideais da esquerda. *As veias abertas* é um verdadeiro símbolo dos ideais transformadores. Por essa razão, em abril de 2009, durante a Quinta Cúpula das Américas, o presidente Chávez presenteou Barack Obama publicamente com um exemplar do livro. Com este gesto, ressaltou qual é o texto que sintetiza os sofrimentos, projetos e esperanças de toda a região.

Galeano personificava esses ideais e também gerava uma inigualável fascinação entre o público. Transmitia calor, sinceridade e convicção. Suas palavras nos convocavam a forjar um futuro de irmandade e igualdade e a renovação desse compromisso é a melhor homenagem a sua obra.

### Referências:

GALEANO, Eduardo. **Las venas abiertas de América Latina**. México D.F.: Siglo XXI, 1971. [Ed. bras.: **As veias abertas da América Latina**. Porto Alegre: L&PM, 2021]

KATZ, Claudio. **La teoría de la dependencia, 50 años después**. Buenos Aires: Batalla de Ideas, 2018. [Ed. bras.: **A teoria da dependência, 50 anos depois**. São Paulo: Expressão popular, 2020]

---

### Notas

\* Apresentação feita no Seminário *50 anos depois: As veias abertas da América Latina de Eduardo Galeano* no dia 23 de junho de 2021, Universidad de la República del Uruguay, Montevideo. Sobre o evento: <https://udelar.edu.uy/portal/2021/05/jornadas-las-venas-abiertas-de-america-latina-50-anos-despues/>.

<sup>1</sup> Economista, pesquisador do Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas (Conicet)/Argentina, professor da Universidad de Buenos Aires (UBA) e membro do Economistas de Izquierda (EDI). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0146-0944>. Autor dos livros **Neoliberalismo, neodesenvolvimentismo, socialismo** (ed. Expressão Popular/Perseu Abramo, 2016) e **A teoria da dependência, 50 anos depois** (ed. Expressão Popular, 2020), dentre outros. E-mail: [claudiokatz1@gmail.com](mailto:claudiokatz1@gmail.com). Sua página eletrônica é <http://www.lahaine.org/katz>.

<sup>2</sup> Doutor em Serviço Social/UFRJ. Professor da Escola de Serviço Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio) e pesquisador do Grupo de trabalho (GT) sobre teoria marxista da dependência da Sociedade Brasileira de Economia Política (SEP). Membro do comitê editorial da revista **Germinar: marxismo e educação em debate**. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9080597950497381>. Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-8927-1055>. E-mail: [rodrigo.castelo@gmail.com](mailto:rodrigo.castelo@gmail.com).

<sup>3</sup> No nosso livro sobre o tema, analisamos todos os autores e concepções mencionados ao longo deste artigo. Para mais detalhes, conferir **La teoría de la dependencia, 50 años después** (KATZ, 2018). [N.do T.: o livro foi traduzido e publicado no Brasil pela editora Expressão popular no ano de 2020]

Recebido em: 10 de dez. 2021

Aprovado em: 27 de mar. 2022